

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JULIANA DOS SANTOS MINHO VARGAS

OS CAMINHOS PARA UM BOM PROFESSOR

Porto Alegre

2018

JULIANA DOS SANTOS MINHO VARGAS

OS CAMINHOS PARA UM BOM PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa).

Orientador: Prof. Dr. Arcanjo Pedro Briggmann

Porto Alegre

2018

J ULIANA DOS SANTOS MINHO VARGAS

OS CAMINHOS PARA UM BOM PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa).

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adauto Locatelli Taufer – UFRGS

Prof. Dr.^a Anna Faedrich Martins Lopez - UERJ

Prof. Dr.^a Sandra Sirangelo Maggio – UFRGS

Prof. Dr. Arcanjo Pedro Briggmann – orientador – UFRGS

Porto Alegre

2018

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, à minha mãe, Deli, por ser minha primeira professora. Por me ensinar a viver e conviver com dignidade.

Ao meu pai, Arnaldo, que mostrou como é lindo o ato de ler.

Ao meu esposo, Giovani, que compartilha comigo seus erros e acertos diários na construção de ser um bom professor. Por me incentivar e me fazer acreditar que sempre posso crescer mais.

Ao meu orientador, Professor Arcanjo, que me conduziu nos caminhos do aprendizado como um verdadeiro professor de espantos. Gratidão porque me despertou a fome de aprender.

À professora Tânia, por acreditar no que faço e compartilhar comigo sua experiência. Por me encantar com suas aulas e me fazer acreditar que também tenho capacidade de ensinar.

À professora Juraci, por me acolher tão carinhosamente e reavivar em mim tão boas lembranças.

À Anna, minha querida amiga, por ser meu primeiro rosto na faculdade de Letras. Grata pelo sorriso sempre sincero e pelo carinho de estar presente em mais este momento da minha vida.

À professora Sandra, por ter sido uma das minhas principais referências do que é ser uma boa professora e um excelente ser humano.

Ao professor Adauto, por se disponibilizar tão prontamente a avaliar o meu trabalho e fazer parte da minha banca.

Aos professores que não me enxergaram, por causa deles tive mais força de vontade de crescer e ser vista.

Aos meus alunos por me inspirarem a ser melhor a cada dia. Grata por manterem a minha mente jovem.

A mim, por ter errado muitas vezes e por continuar acreditando que vou acertar.

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre os procedimentos que caracterizam um bom professor em sala de aula. Para tanto questionei sobre quais os caminhos que percorre o professor na busca de qualificação em sua profissão e aos olhos dos seus alunos. Parti de um relato pessoal das minhas primeiras e principais lembranças dos tempos de estudante. Selecionei os professores que mais tiveram representatividade no decorrer do meu aprendizado e suas atitudes que os diferenciavam dos demais. Posteriormente apresentei algumas teorias de quem é e como age um bom professor através do olhar de autores da área da educação: Rubem Alves, Paulo Freire e José Contreras. Pesquisando estes autores foi possível traçar um perfil do profissional que teria uma influência positiva em seus alunos de maneira que pudessem ter vontade de aprender. Ainda, o presente trabalho também uniu a teoria à prática dos professores. Foi questionado sobre suas ideias, expectativas, incertezas e dificuldades. Também foram ouvidos alunos com o objetivo de abranger todos os indivíduos envolvidos no processo de aprendizagem em sala de aula. Todo este material mostrou uma concordância de opiniões e, a partir dele, concluiu-se que a grande dificuldade dos professores serem considerados bons por seus alunos é a falta de diálogo, falta de paixão pela profissão, perda da fé em sua capacidade de ensino e pouco conhecimento do sujeito para o qual é direcionado o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Professor. Aluno. Aprendizado. Ensino. Escola.

ABSTRACT

This work is a study about the proceedings that characterize a good teacher in the classroom. For that I questioned which paths the teacher must go through in the search for qualification in his profession and in the eyes of his students. I started from a personal report of my earliest and most important memories from my student years. I selected the teachers who most influenced me during my learning period and whose attitudes made them unique to me. Later I presented some theories about who a good teacher is and how he works through the eyes of authors in the educational field: Rubens Alves, Paulo Freire and José Contreras. By researching these educators I could profile the professional who'd have a positive influence on his students in a way they'd have the will to learn. Besides, the present work also united the theory and the practice of the teachers. It questioned them about their ideas, expectations, uncertainties and difficulties. Similarly, the students were listened in order to cover all the people involved in the learning process within the classroom. All this material showed an agreement of opinions that allows me to conclude that the biggest difficulty for the teachers to be considered good professionals by their students is the lack of dialogue and passion for the profession, the disbelief in their ability to teach and little knowledge of the subject to whom the learning process is directed to.

Keywords: Teacher. Student. Learning. Teaching. School.

SUMÁRIO

1 GENEALOGIA DO PROBLEMA	7
2 METODOLOGIA.....	14
2.1 QUESTÃO DA PESQUISA.....	14
2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA	14
2.3 SUJEITOS DA PESQUISA	15
3 CARACTERÍSTICAS DE UM BOM PROFESSOR.....	17
3.1 PAULO FREIRE	17
3.2 JOSÉ CONTRERAS	21
3.4 RUBEM ALVES	25
4 A VIDA DOS PROFESSORES	30
5 A VOZ DOS ALUNOS.....	34
6 AFINAL, COMO É POSSÍVEL SER UM BOM PROFESSOR?	39
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS.....	43
ANEXO 1 – Questionário não respondido pelos professores	44
ANEXO 2 – Questionário respondido pelos professores	45
ANEXO 3 - Questionário respondido pelos alunos	46

1 GENEALOGIA DO PROBLEMA

Quando penso no papel do professor na sociedade contemporânea, é inevitável que surjam certos questionamentos presentes durante o passado em minha vida de aluna e, hoje, em minhas vivências como professora¹. O primeiro deles, sem dúvida, é o questionamento íntimo que grande parte dos professores já deve ter feito em algum momento da vida: eu sou um bom professor? Esta questão levantará outras tão instigantes e difíceis de responder: o que é preciso para ser um bom professor? Será que os alunos compreendem o que digo? O que é preciso fazer para que minha aula se torne tão interessante que mesmo o aluno indiferente seja motivado a aprender?

Se o papel do professor é educar o aluno nos processos do pensar, provocando-lhe a curiosidade e o desejo de saber, então há de se considerar que a relação professor / aluno não deve ficar restrita à transmissão do conhecimento, mas deve abranger o domínio das condições e pré-condições de aprendizagens incluindo as maneiras de seduzir e despertar múltiplas curiosidades no aluno. Para tanto, deve haver uma relação de aprendizados e interesses recíprocos entre educador e educando de maneira que se faça da sala de aula um espaço para que se estabeleçam relações entre conhecimento, meio social, objetos, símbolos e, talvez, o mais importante, o compartilhamento entre as experiências vividas por estes sujeitos.

Ao analisar todos estes pontos, a lembrança se volta à minha vida de estudante de ensino fundamental e médio. Tento me lembrar de todos meus ex-professores, que tiveram este papel instigador, motivador. Percebo que minhas lembranças me levam a poucos professores com estas características, surpreendentemente se levamos em consideração o número de escolas que frequentei (sete do ensino fundamental ao médio) e a quantidade de professores que conheci. Mas aqueles dos quais tenho lembrança foram os que se caracterizavam pelo prazer em ensinar. Professores que levaram para a sala de aula paixão pela profissão de educador, pessoas com verdadeira preocupação em ajudar e acrescentar ao outro, profissionais que se dedicavam com carinho em ajudar a resolver problemas, que tinham a motivação de educar.

A recordação mais distante que tenho é da professora Dora, que lecionava para anos iniciais no colégio Santa Inês. A professora Dora não era freira, ao contrário de algumas das

1 Devido ao fato de não ter concluído a minha graduação e, conseqüentemente, não ser concursada, trabalho desde 2016 em regime de contrato emergencial pelo Estado do Rio Grande do Sul no Colégio Estadual Barbosa Rodrigues localizado no centro de Gravataí. Neste período, já ministrei aulas para turmas de 8º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.

outras professoras da escola. Era jovem e mantinha sempre um ar sereno e maneiras muito calmas. Foi com ela que aprendi minhas primeiras letras e comecei a admirar um profissional pela maneira como agia. Sempre foi motivadora entusiasmando-se com os acertos e progressos dos alunos, estimulando-nos em momentos de dificuldade. Talvez por suas atitudes serem tão amigáveis e carinhosas, sentia nela a segurança que tinha em casa, junto da minha família.

Posteriormente, ainda no ensino fundamental, comecei a estudar na escola Uruguai. A professora Vera, de Matemática, foi contraste com a realidade que eu conhecia. Ao contrário da professora Dora, ela era enérgica, quase nunca sorria. Nunca gostei de matemática e sempre tive muita resistência em aprendê-la. Inexplicavelmente, no entanto, me descobri ansiosa por suas aulas. A professora não era carinhosa, mas, à sua maneira, valorizava muito os esforços que fazíamos para tentar acompanhar os conteúdos aplicados por ela. Demonstrava interesse genuíno em saber das dificuldades que havíamos passado para resolver as tarefas em casa. Muitas vezes sentou comigo depois dos períodos de aula e me ajudou com atividades que não teria conseguido desenvolver sozinha. Entendi que ela sorria somente quando era reflexo de alguma atitude positiva nossa. Então, com o passar do tempo, desenvolvi um particular respeito por esta professora. Particular porque eu parecia ser uma das poucas alunas que admirava o “general”, como os demais alunos a chamavam. Apesar do apelido, contudo, percebia-se que o aprendizado não era só meu; a turma se empenhava no desenvolvimento do que era solicitado e, aos poucos, construía o conhecimento esperado. Aqueles dois anos em que a professora Vera acompanhou os meus estudos, foram os únicos onde consegui bom desempenho em Matemática, não porque gostasse, mas porque me sentia motivada a entender e demonstrar o meu conhecimento.

Posterior a este período, estudei na Escola Gomes Carneiro. Não tenho recordações dos professores deste período. Sofri grandes problemas de *bullying* nesta escola e não me recordo de algum professor ter se aproximado de mim para me dar apoio ou conversar, embora soubessem da minha realidade. Então, acho que neste período nenhum dos meus professores me enxergou de fato como indivíduo. Foi por essa época que minhas notas caíram rapidamente e sofri minha primeira reprovação escolar. Apesar dos meus problemas na escola, em nenhum momento meus pais foram chamados para verificar o que ocorria, e o SOE nunca me chamou para conversar. Tenho dificuldade de lembrar o nome dos meus professores na Escola Gomes Carneiro. Não me lembro de ter o acolhimento necessário para me sentir integrada àquela instituição e, tampouco às pessoas, fossem professores ou colegas. Interessante observar que tenho muitas lembranças de fatos e professores que passaram pela minha vida antes deste

período mas, inexplicavelmente, tenho um vácuo de recordações da Escola Gomes Carneiro. Visualizo uma série de corpos sem rostos, sem forma, sem cor.

Se é fato que por meio da educação o indivíduo aprende a lidar e resolver seus problemas, então a lógica é que seja bem resolvido em diferentes instâncias da vida também, tanto social quanto intimamente. Nos anos que seguiram, ao mudar de cidade e, novamente, de escola, comecei a estudar em escola bem pequena localizada no município de Morungava, chamada Escola Estadual Emília Viega da Rocha. Nessa escola entendi por que “a aprendizagem é assim: para se aprender de um lado há que se esquecer do outro. Toda a aprendizagem produz o esquecimento”, como teorizava Rubem Alves em *A alegria de ensinar* (1993. p.32). Nessa escola foi que concluí o meu ensino fundamental e onde conheci grandes educadores. Entendi que aprender pode ser divertido e tranquilo. Conheci as professoras Juraci Pospichil de Matemática, professora Tânia Beatriz Schreiber de Língua Portuguesa, e a professora e supervisora Judith Wildner. Estes eram os meus exemplos de professoras que realmente se importavam com os seus alunos dentro e fora da sala de aula, aliás, dentro e fora da escola. Por estar situada em uma localidade pequena, era muito comum que alunos e professores tivessem também contato no dia a dia. Talvez, em um contexto assim fosse mais fácil para as professoras se entrosarem com a vida pessoal dos alunos conhecendo-os de maneira a poder trabalhar com mais direcionamento em sala de aula. Portanto, era muito comum que as diversas situações diárias aparecessem em exemplos durante as aulas. A professora Juraci, por exemplo, dizia que não deveríamos nunca faltar suas aulas porque todas as aulas seriam muito importantes, que ela nunca faltaria, jamais. Fato. Não lembro de ter perdido nenhuma de suas aulas nem de ela ter faltado alguma vez. Na saída da escola, não raro, algumas professoras, que faziam o trajeto para casa a pé, acompanhavam os alunos menores até suas casas para que estes não sofressem com as provocações dos alunos maiores. Eu pegava meu ônibus com a professora Judith, que também era minha vizinha, e travei com ela diversas conversas sobre minhas dúvidas de adolescente na época e lembro de me achar muito importante pelo fato de ser tratada como adulta. Sentia que era muito respeitada e isto foi fator decisivo para que eu mudasse a minha concepção de ensino e enxergasse o professor também como indivíduo igual a mim com saberes diferentes. As professoras desta escola sempre foram muito humildes ao reconhecer que nós, os alunos, sabíamos de muitas coisas que elas também desconheciam.

Muitos anos depois, ao cursar o EJA nas escolas do SESC, conheci o professor Denis Coitinho Silveira, que lecionava História. Este professor marcou muito a minha escolha profissional. Nunca quis ser professora, não me considerava capaz. Interessante o fato de

poucos professores dizerem aos alunos que são capazes de realizar coisas importantes, apesar de suas dificuldades e deficiências. No entanto, o professor Dênis chegou em sua primeira aula e nos disse que não éramos vítimas e nem tampouco menos capazes por estarmos fazendo EJA, que, se pensávamos assim, poderíamos sair naquele momento e desistir do curso pois ele, o professor, não nos trataria como tal. Fiquei muito surpresa e assustada porque, de fato, me achava incapaz de realizar certas ambições e, com isso, adotava uma postura derrotista. Com o decorrer das aulas, entendi exatamente o que ele queria dizer e comecei a admirá-lo muito por isto. Suas aulas eram tão instigantes e ricas que não se equivaliam em nada às demais disciplinas. Nelas, os professores faziam questão de mostrar que aquele era um curso voltado somente para a necessidade de se ter um diploma de conclusão do ensino médio, ou seja, uma maneira rápida de se cumprir o mínimo necessário para este fim, sem nenhum aprofundamento. Assim, não exploravam as nossas capacidades nem as valorizavam. O estímulo, contudo, é contagioso. O professor Denis nos dava aula como se estivesse palestrando para os alunos mais qualificados e tenazes da melhor escola. Não nos subestimava e o demonstrava com o tanto de conhecimento que fazia questão de nos transmitir, tentava nos alimentar com o máximo de informações das quais pudesse fazer referência. Parecia verdadeiramente decepcionado, ao final das aulas, por não conseguir ensinar tudo que gostaria de ter ensinado. Sempre com uma postura muito respeitosa para com os alunos, vestia-se sempre de terno e gravata, fato que nos fez questioná-lo, afinal, era o único, naquela época, que se trajava com esmero. Ele respondeu que a roupa era uma forma de respeito para com as pessoas que ficariam horas olhando para ele, que sentia prazer em vestir-se da melhor forma possível para executar o trabalho do qual tanto gostava, também da melhor forma possível e que as duas coisas não deveriam se desconectar nunca. Naquele momento, tive a certeza de que, independente do que decidisse fazer da minha vida, queria poder agir como aquele professor. Nós, os alunos, o admirávamos muito e, apesar de sermos uma turma noturna, onde praticamente todos trabalhavam durante o dia inteiro, suas aulas eram sempre lotadas, independentemente de qual fosse o período. Não sei ao certo quando aconteceu, mas, aos poucos, a ideia de também ser professora começou a tomar forma dentro de mim. Foi este professor que me disse que eu era capaz de cursar uma Universidade. E eu acreditei nele. Gostaria de, um dia, poder dizer a ele aonde cheguei.

Já na Universidade me deparei com a realidade de que nem todos que querem ser professores conseguem desenvolver habilidade suficiente para sê-los. Muitos que são não sabem fazê-lo. Tive alguns professores muito eruditos que não conseguiam estabelecer uma interação com seus alunos. Eram ótimos pesquisadores e teóricos, mas não conseguiam

estabelecer uma relação humana e pedagógica. Outros professores liam durante uma aula inteira, sem olhar para os alunos; alguns falavam mais para si do que para o exterior tentando mostrar toda as informações acumuladas, muitas vezes ridicularizando o aluno por este não ter o mesmo nível de conhecimento. Presenciei batalhas de ego entre alunos e professores, conheci professores ausentes. Contudo, tive professores muito presentes que contribuíram tanto para o meu aprendizado de maneira que os utilizo como referência até hoje.

Um exemplo muito marcante e presente até hoje em minha vida foi a professora Teresinha Favero, com quem tive aulas nos primeiros semestres de faculdade. A professora trabalhou produção textual no primeiro semestre com a nossa turma nos fazendo reescrever muitas vezes o mesmo texto. Em cada correção a professora se dedicava a analisar cada linha que escrevíamos e nos orientar sobre o que deveria ser melhorado. Importava-se com o que tínhamos a dizer e valorizava nossas contribuições. Sentava-se com cada aluno verificando suas dúvidas e dividia seus saberes conosco, não de maneira egocêntrica mas como uma colega que quer contribuir para o crescimento do outro.

Outra professora por quem sempre tive um respeito muito grande foi a professora Sandra Maggio. Sempre que os alunos necessitaram de ajuda, fosse para as aulas ou não, encontravam na professora toda a disponibilidade e boa vontade. Suas aulas sempre valorizaram os alunos como indivíduos interessantes, pelo menos assim nos sentíamos em sua presença: interessantes. Num meio acadêmico isto é raro. Muito mais comum é o aluno que se sente diminuído e desinteressante. A professora Sandra demonstrava apreciar tanto o que tínhamos a dizer, a acrescentar, que, de fato, parecia se divertir enquanto dava aula, demonstrava prazer. Com isto nos entusiasmava a buscar mais, a produzir mais, a querer ser mais. Assim como havia acontecido na minha experiência com o professor Denis, comecei a ver na professora Sandra uma projeção do que eu desejava para mim enquanto educadora.

Em virtude da minha pesquisa para este trabalho, tentei, assim como Bento Santiago, personagem de Machado de Assis em Dom Casmurro, “atar as duas pontas da vida” e unir a aluna que fui com a professora que sou. Há pouco tempo, tive o privilégio de reencontrar a professora Juraci, que me deu aulas de matemática na Escola Emília Vieira. Nesta conversa, entendi que a admiração e as lembranças que carreguei durante a vida não estavam equivocadas. A professora, apesar de hoje aposentada, me trouxe de volta falas e métodos que utilizava em sala de aula com nítido entusiasmo. Marcou que, em dado momento de nossa conversa, tenha dito que “o professor tem de ter força. Força na personalidade, força na sua disciplina. E mostrar

ao aluno esta força dando importância ao que está fazendo e ao que fala. O aluno tem de acreditar no professor e isto só vai acontecer quando o professor acredita no que está fazendo.”

Hoje, como professora, continuo me questionando sobre o papel do professor e suas práticas pedagógicas. Ao recordar do encontro com a professora Juraci, vem à lembrança uma recente conversa que tive com um grupo de alunos insatisfeitos com o trabalho de um outro professor. Algo chocante foi, naquele momento, ouvir dos estudantes do oitavo ano que os professores não os enxergavam de fato. Que poucos se preocupavam realmente em observá-los para saber se estavam aprendendo de verdade, que a grande maioria não prestava atenção. Tentei refletir sobre isto. Será que eu consigo, realmente enxergar o meu aluno? Quantos professores conseguiram me perceber em sala de aula? No mundo de hoje, que vivências acompanham um bom professor? Antes, o que é e como é um bom professor hoje? Essas questões, que envolvem a figura, o papel, o trabalho do professor, sempre me despertaram interesse. Hoje, no entanto, além do interesse, elas me angustiam. São preocupações diárias na minha vida de professora sobre as quais sinto necessidade de direcionar alguma luz. E é nesse sentido que confluem atualmente minhas leituras e pesquisas.

Para responder e, ao mesmo tempo, ampliar meus conhecimentos sobre a questão, é que se propõe este meu trabalho de conclusão de curso (TCC), que organizei em cinco momentos. Início fazendo um tipo de genealogia do problema, mostrando como ele apenas se insinuava na minha percepção de estudante, mas que, na medida que avançava e se ampliava minha compreensão do papel do professor, ele criava corpo, deixava de ser apenas um interesse e passava a me preocupar, a me angustiar e a me instigar na busca de compreensão e encaminhamento de solução por meio do presente trabalho acadêmico. Na sequência, tentei organizar o percurso de organização e realização de um trabalho que busca, a partir de um diálogo entre dados empíricos e conceitos teóricos, produzir uma reflexão sobre o que seja um bom professor. A descrição desse percurso denominei metodologia. Num terceiro momento, procuro coligir características de um bom professor a partir das perspectivas de três educadores – Paulo Freire, José Contreras e Rubem Alves – para, a partir deles, construir uma referência de bom professor e responder à questão deste trabalho: como é *um bom professor em sala de aula?*. O momento seguinte me leva ao campo empírico de contato com os professores. Quero saber deles. Vejo-os em sala de aula, seu campo de luta e *locus* privilegiado da interação e da construção de sujeitos. Tento identificar as ferramentas e os recursos que utilizam para se desincumbirem de seu magistério. Ouço suas vozes e vejo suas atividades, seus métodos, que dão visibilidade a suas concepções, a suas crenças, a seus projetos. Quero saber de tudo que os

constitui: a vida de professores. Para saber que professor dela emerge. Ouço também a voz dos alunos, por serem os alunos os sujeitos que constituem o professor. O último momento é uma tentativa de diálogo entre os dois momentos anteriores, entre duas instâncias: a teórica e a empírica. Busco pontos de confluência e de ruptura, de sintonia e de dessintonia entre o teórico e o empírico. Busco interpretar e compreender esses movimentos, à luz da própria concepção de educação e do processo de aprendizagem, mas sem desconsiderar os ruídos, as resistências, carências e dificuldades presentes na vida do professor. Trago à análise esses elementos. Talvez a reflexão dessas variáveis nos leve a construir uma outra questão ou ao menos acrescentar novas características ao perfil do bom professor nos dias de hoje. Afinal, como é possível ser um bom professor hoje?

2 METODOLOGIA

2.1 QUESTÃO DA PESQUISA

Para responder e, ao mesmo tempo, ampliar meus conhecimentos sobre a questão “como é o bom professor em sala de aula” é que se propõe este meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Levanto, ainda, alguns outros questionamentos no intuito de responder a esta dúvida inicial: Como se realiza a prática de um bom professor? Como se dá o processo de construção profissional deste professor? Como este professor resolve problemas? Para tanto, apresento meu percurso na busca por respostas que respondam a estes questionamentos. Buscando as respostas, faço uma organização de reflexões e percebo que a problemática inicial se transformou em inquietação e, por conseguinte, o interesse em buscar respostas trouxe uma motivação em minha busca pessoal por me transformar em uma profissional melhor. A partir de Paulo Freire, busco a análise sobre a construção do aluno enquanto sujeito empírico no mundo, pelo olhar de José Contreras, pretendo analisar a autonomia e a profissionalização do professor. Já em Rubem Alves, espero encontrar a interação entre os dois mundos: do educador e do educando.

A seguir, eu reflito sobre o meu trabalho, trago a visão de alguns colegas de trabalho e registro a ideologia de alguns professores das escolas onde estudei. Visando à compreensão do problema, realizo entrevistas escritas e conversas informais sobre o método utilizado pelos sujeitos da pesquisa em sala de aula e até que ponto estes métodos funcionam para os alunos enquanto meio para chegar a alcançar o aprendizado. Não me restrinjo a professores de uma área específica porque entendo que o grande questionamento deste trabalho ultrapassa o limite desta ou daquela disciplina, mas é uma angústia compartilhada com os meus colegas professores das mais diversas áreas. Divido com eles minhas dúvidas e percebo que minhas angústias não são isoladas. Além disso, concluo que os professores são um reflexo de sua história de vida e de aprendizado. Se analisadas todas as variantes de experiência, meios de atuação, público estudantil e incentivo ao profissional, talvez seja possível entender e definir o que seja um bom professor e como ele atua.

2.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho será a pesquisa narrativa e qualitativa. Assim sendo, a pesquisa narrativa incluirá histórias de vida e profissionais de alguns

professores da rede pública de ensino, autobiografias de teóricos da área da educação, relatos orais e depoimentos de profissionais já aposentados de suas funções, práticas e procedimentos utilizados para o ensino. Ainda, a pesquisa utilizará relatos de alunos da rede pública de ensino para que seja feita uma análise sob todos os aspectos da questão inicial. A escolha deste tipo de abordagem nasce a partir dos questionamentos sobre a atividade de professor e suas relações com os alunos em sala de aula.

Ao selecionar materiais que se embasam em análises de histórias de vida, é possível observar uma ligação entre as histórias de vida dos profissionais da área da educação com suas atividades e suas relações com os jovens no ambiente de aprendizagem. Os indivíduos que hoje enfrentam problemas em sala de aula e como resolvem estas problemáticas podem ser resultados de suas experiências e constituições familiares, históricas e culturais. Assim, analisando estes parâmetros é possível enxergar o professor junto aos seus processos de formação porque estes são frequentemente ignorados quando deveriam ser tão valorizados quanto às histórias que constituem os seus alunos. Não observar estes fatores a respeito da relação aluno -professor pode contribuir para o baixo rendimento em sala de aula e frustração de ambas as partes.

2.3 SUJEITOS DA PESQUISA

A realização desta pesquisa teve como sujeitos alguns professores e alunos da rede pública estadual e municipal da cidade de Gravataí, além de outros que foram meus professores nas diversas instituições de ensino que frequentei. Para que fosse atingido o objetivo inicial deste trabalho, que é responder ao questionamento do que caracteriza um bom professor, os critérios utilizados para a escolha destes sujeitos entrevistados foram:

- professores graduados com experiência mínima de um ano de docência em escola pública;
- professores atuantes em diversas áreas para compor um espectro maior de experiências e dificuldades, visto que cada profissional, dentro de sua área de atuação tenha postura diferenciada com relação a recursos pedagógicos e abordagens de comunicação com os alunos;
- professores já aposentados que obtiveram um bom relacionamento com seus alunos quando na ativa;
- alguns alunos da rede pública estadual da cidade de Gravataí cursando do 1º ao 3º ano do ensino médio ou que já o tenham concluído.

Assim, estabelecidos os critérios de seleção, busquei profissionais e alunos com os quais tenho contato profissional e professores dos quais me lembrava da minha época de estudante que pudessem contribuir para a minha pesquisa. Ainda que alguns professores tenham tido muita disponibilidade em contribuir, a maioria não deu o retorno esperado às questões propostas e outros, ainda, sentiram-se mais a vontade com o anonimato de suas identidades. Quanto aos alunos, selecionei, aleatoriamente, alguns com os quais mantenho contato como professora e ex-alunos que já concluíram o ensino médio

O encontro com alguns destes professores possibilitou que outras experiências profissionais fossem agregadas a este trabalho devido à experiência de vida de cada um deles. Ao tentar colocá-los em pesquisa qualitativa para a coleta de dados, percebi a dificuldade em fazer isto com indivíduos tão distintos entre si e com tanta percepção do que é a sala de aula e as relações que se estabelecem dentro dela. Durante estes encontros, solicitava aos professores que relembassem histórias significativas de sala de aula, dificuldades pelas quais passaram, como se deu a escolha e formação acadêmica destes profissionais.

3 CARACTERÍSTICAS DE UM BOM PROFESSOR

O presente capítulo vai tratar sobre três autores que têm uma extensa obra na área da educação: Paulo Freire, José Contreras e Rubem Alves. No entanto, ao escolher estes autores especificamente, não analiso a totalidade de suas obras mas faço recortes em suas teorias que expliquem sobre o papel do professor em sala de aula. Ao colocá-los em uma ordem específica, procuro estabelecer um roteiro onde, em primeiro lugar, analiso a concepção de Paulo Freire de educação a partir da consciência do sujeito de si e do mundo, depois adentro em José Contreras para verificar como se dá o trabalho do professor sendo o agente mediador entre a educação e o mundo e, por fim, em Rubem Alves busco a interação que se dá entre o professor e o aluno no intuito de que se estabeleça uma escola que tem caráter transformador, libertador e afetivo. Com a integração destes três educadores, busco, acima de tudo, encontrar o caminho que indique uma boa prática docente tanto para o professor quanto para o aluno.

3.1 PAULO FREIRE

Paulo Freire, nascido em 1921 em Recife, considerado e reconhecido nacional e internacionalmente como referência na educação, defendia que a escola deve ter o objetivo de mostrar ao aluno como o mundo pode ser “lido” com o intuito de modificá-lo em algo melhor e coerente. Vindo de uma família de classe média, sofreu as consequências da crise de 1929 e, com a morte do seu pai, teve muitas dificuldades econômicas ainda jovem. Apesar de ter conseguido, posteriormente, se formar em Direito, foi no magistério que encaminhou sua trajetória como educador. Sendo o mentor da educação como um ato de tomada de consciência, Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização para adultos cujo objetivo é conscientização dos alunos. Sua metodologia pedagógica era assumidamente política e entendia que cada parcela desfavorecida da sociedade deveria ter a oportunidade e a possibilidade de entender e de reconhecer sua situação de opressão. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, estão os conceitos que defendem a libertação pela educação. Suas teorias marcaram uma época e observaram, em particular, o uso da linguagem enquanto papel transformador e sua relação com o papel elitista da escola. Foi agraciado com o título de doutor *honoris causa* por 28 universidades de diversos países e teve suas obras traduzidas em mais de 20 idiomas. Morreu em 1997 devido a um infarto.

A educação brasileira atual ainda está presa à representação dos conceitos que tanto Freire tentava mudar. Nela, o aluno é visto e tratado como um receptor de conhecimentos do

qual não se espera e não se quer criticidade. Neste modelo de escola, o aluno é um ser apático porque o professor, que é o detentor de todos os saberes, não aceita as suas discordâncias. Portanto, todo o aluno que tiver questionamentos que ultrapassem a fronteira estabelecida por este formato de ensino será podado em sua essência e se acostumará, com o passar dos anos, à alienação de si e do mundo. Então, percebe-se que, segundo Freire, a escola conservadora tem o objetivo de acomodar os alunos de maneira a facilitar a sua aceitação do mundo tal qual ele é. Todavia, o crescimento do indivíduo, seja ele aluno ou professor, vem do poder transformador das rotinas e das inquietações diárias como bem menciona Freire:

Enquanto professor, apesar de você, modestamente, não proclamar que é um cientista, você tem que dar seu depoimento, testemunhar aos estudantes que eles não têm nada a ver com a interpretação ou, pior ainda, com mudanças de realidade. Segundo a forma tradicional de ensino, a realidade não está aí para ser interpretada ou mudada, mas para ser descrita, observada. E é muito engraçado, porque, para os tradicionais, os cientistas que se dizem rigorosos, mas negam a interpretação, o conceito de observação implica que o observador tenha que colocar um vidro diante de si, e colocar luvas nas mãos, para não tocar, não ter contato com a realidade, para não...para não... (SHOR; FREIRE, 1986, p.103).

Ao transmitir conteúdos, o professor não possibilita que ocorra o verdadeiro ensino, não possibilita ao aluno criar, produzir conhecimentos a partir de suas próprias reflexões e necessidades. Todavia, este conhecimento não é algo que deva ser doado ao aluno. As facilitações, segundo Freire, não geram condições para o crescimento intelectual e social do aluno. O professor, portanto, deve conduzir o aluno rumo ao conhecimento porque, no final das contas, o aprendizado não é solitário e tanto aluno quanto professor constroem o conhecimento juntos. Cabe sim ao professor, a partir de seus conhecimentos e experiências, direcionar o caminho do jovem com responsabilidade e respeito. Se a autoridade for exercida de forma a organizar o trajeto, deixará de ser vista como algo negativo mas componente do processo. A cultura do aluno deve ser valorizada sempre e considerada no decorrer da aprendizagem. Assim, Paulo Freire estrutura seu método de ensino, partindo do princípio de que o aluno é um cidadão e deve estar apto a ler e expressar o mundo onde vive. Este mundo deverá mediar a educação entre os indivíduos e não segregá-los. Se professores e alunos se colocam, ou são colocados pelo sistema, em lados tão opostos neste mundo, transformarão o conhecimento em algo inatingível que resultará na crise que se presencia nas escolas diariamente:

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos (sic) conteúdos acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da

“formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina (sic) ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 1996, p. 12).

Tanto professores quanto alunos estão construindo, juntos, um percurso de crescimento pessoal. Esta construção se dá todos os dias a partir das dificuldades que ambos enfrentam. Ao ensinar, o professor aprende; ao aprender, o aluno torna-se professor. Os professores têm um aprendizado muito solitário, talvez resultado do seu próprio processo de formação acadêmica onde as universidades estimulam a produção de pesquisas e não a troca de experiências pessoais. Assim, o fator humano fica esquecido. Desconheço uma universidade que, em seus cursos de licenciatura, priorize em seu currículo de ensino o aprendizado e a prática nas relações humanas, ou seja, a preocupação com o sujeito da aprendizagem. As horas de estágio em sala de aula, que é o momento em que os aspirantes a professores têm o contato direto com os alunos e outros professores, representam uma pequena parte de um vasto percurso de pesquisas teóricas. Então, o que se vê são recém-formados saindo das universidades graduados em uma atividade que lida diretamente com pessoas e suas emoções sem, contudo, serem ensinados a fazer isto. Como consequência, na prática em sala de aula e na convivência em diversos ambientes escolares é onde as suas dúvidas começam e não parecem ser genuínas porque a sociedade espera que os professores sejam os donos do saber e da verdade. Não raro, aprendem com erros e acertos, se frustram testando possibilidades desconhecidas e torcem todos os dias para conseguirem executar um bom trabalho. Segundo Paulo Freire:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feita” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço (FREIRE, 1996, p.40).

Então, se o professor aprende com o aluno, um bom professor é aquele que, tendo a oportunidade, se permite aprender. Para tanto, é fundamental que exista a possibilidade de expressão, comunicação, diálogo. Muitas vezes, as salas de aula seguem uma trajetória de caos que não possibilita ao professor nem ao aluno compartilhar. Nestas escolas, o professor toma as rédeas do autoritarismo ou se perde em uma displicência desinteressada. Em qualquer dos

casos, o diálogo produtivo se perde, não há espaço para afetividade e não haverá produtividade nem qualidade. Então, deve-se entender que o método de trabalho dos professores sofre mudanças dependendo das variáveis às quais ele é exposto. Professores simpáticos, comunicativos, acessíveis e queridos por seus alunos mudam totalmente quando são colocados em ambiente cujo público é totalmente adverso àquele ambiente com que se identificam mais.

Pela concepção freireana de educação, o professor deve aprender o mundo, o seu e o do aluno. Neste sentido, as dificuldades profissionais às quais os professores estão expostos podem vir da deficiência que este educador tem em ler os mundos por onde transita. Naturalmente que se o professor ministra suas aulas em mundos totalmente diferentes, com indivíduos pertencentes a realidades distintas, terá a consciência do impacto que isso trará. Por melhor preparado e bem intencionado que seja o professor, talvez ele não consiga fazer a leitura necessária para dialogar com seus alunos. Em geral, os profissionais da educação carregam a responsabilidade de que sejam os mediadores do conhecimento. Contudo, muitos não sabem como fazê-lo em um ambiente onde não há preparo nem a infraestrutura para tal evento. Se o professor não encontra o preparo necessário em sua formação acadêmica, as variáveis tendem a piorar a situação. São escolas sucateadas onde o aluno sente todo o desprazer em estar, equipe diretiva que não fornece ao professor o apoio necessário para que o mínimo de ordem se estabeleça para a possibilidade de fruição, famílias de alunos totalmente desestruturadas e sem vínculo afetivo. Neste mundo, o professor busca um caminho através da pedagogia, da psicologia, da filosofia e, novamente, se depara com uma busca solitária e experimental. Nem sempre encontrará respostas e ficará na expectativa de acerto a cada dia, em cada aula, com cada indivíduo.

As características que fundamentam um bom professor, sob a ótica de Paulo Freire, indicam que o professor da atualidade tem o papel de sobreviver às adversidades, analisar, interpretar e transformar as realidades. A capacidade de conseguir se inteirar e se transformar constantemente é o que possibilitará ao professor a sua continuidade profissional e a superação de suas frustrações frente a desafios não superados:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação- reflexão (FREIRE, 1987, p. 44).

Para Paulo Freire, o educador tem de ter a sinceridade necessária para trabalhar e conviver com pessoas enquanto seres “inacabados”. Neste caminho, o professor está em

construção assim como o aluno. Se o professor tem a consciência de ser um indivíduo que ainda não está pronto em suas convicções, suas ideologias e seus aprendizados, saberá lidar muito melhor com o desenrolar dos aprendizados de seus alunos porque ambos têm a mesma constituição humana. Assim, também irá se reconhecer através do olhar do outro. No processo de aprendizado o aluno se sente tão incapaz e confuso quanto muitos de seus professores. A diferença é que os alunos se manifestam através de suas notas, suas reclamações, sua rebeldia. Já o professor tem as suas dificuldades expressas na maneira como dá aula e se relaciona com os jovens. Para existir uma ligação real onde professores e alunos desfrutem do processo constante de construção pessoal é necessário que exista respeito, afetividade, responsabilidade, rigor e curiosidade de conviver com pessoas. Professores que têm dificuldade de relacionar-se passam mais dificuldades no decorrer deste percurso. Assim, Freire traça em sua obra *Pedagogia da Autonomia* um esboço claro do ato de ensinar e suas especificidades. Neste roteiro traz o que, de fato, um bom professor tem de ter para ensinar com qualidade. Para Freire o educador tem de ter bom senso, humildade, tolerância, alegria, competência profissional, habilidade de ouvir o outro, estar disponível para o diálogo e, acima de tudo, querer bem aos seus educandos:

É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. É exatamente esta permanência do hoje neoliberal que a ideologia contida no discurso da “morte da História” propõe. Permanência do hoje a que o futuro desproblematizado se reduz. Daí o caráter desesperançoso, fatalista, antiutópico de uma tal ideologia em que se forja uma educação friamente tecnicista e se requer um educador exímio na tarefa de acomodação ao mundo e não na de sua transformação. Um educador com muito pouco de formador, com muito mais de treinador, de transferidor de saberes, de exercitador de destrezas (FREIRE, 1996, p.53).

3.2 JOSÉ CONTRERAS

José Contreras Domingo é formado em Ciências da Educação pela Universidade Complutense de Madri. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Málaga, desde 1992, atua na Universidade de Barcelona (Catalunha) no Departamento de Didática e Organização Educacional. Autor referência em muitas obras da área de educação: *Enseñanza, Curriculum y Profesorado. Introducción Crítica à Didáctica*. (Madri, 1990; 2ª ed. 1994), *Models d'investigació a l'aula* (em co-autoria com Angel Pérez Gómez y Félix Ângulo Rasco). (Barcelona, Universitat Oberta de Catalunya, 1996) e *La Autonomia Del Profesorado* (Madri, 1997; 2ª ed. 1999). Além disso, Contreras é membro dos Conselhos de Redação das revistas

Investigación em la Escuela (Universidade de Sevilha), Tempos d'Educación (Universidade de Barcelona), da revista eletrônica Heuresis (Universidade de Cádiz) e da seção em língua espanhola da revista eletrônica Education Policy Analysis Archives (Arizona State University).

Em sua obra "*A autonomia de professores*", José Contreras traz à luz preocupações com os conceitos que banalizam a profissão de professor. Para tanto, articula algumas ideias que exploram os conceitos de profissionalismo e intelectualismo crítico e, finalmente, a autonomia dos professores. Entende-se, assim, que tal construção profissional se dá em paralelo à autonomia social. Os professores expostos às diferentes circunstâncias terão sua autonomia embasada em cada contexto de atuação. Juntamente com a sociedade, os professores poderiam criar uma parceria com o objetivo de repensar as práticas educacionais nas escolas.

Segundo o pensamento de Contreras, é de suma importância que se consiga equilibrar as necessidades dos professores com suas condições de trabalho. Ainda, o professor tem de ter observadas e valorizadas as suas necessidades pessoais, estruturais e políticas. Assim, a construção de sua profissionalização depende diretamente destas variantes e ambiguidades sociais. No entanto, em sua trajetória, o professor busca estes componentes que constituirão o seu trabalho e, muitas vezes, se perde em teorias que não lhe fornecem esclarecimentos concretos.

Um dos desafios propostos por Contreras em sua obra fala dos modelos onde existe a participação da sociedade na definição das bases curriculares das escolas, principalmente das escolas públicas. Afinal, a sociedade transfere para a escola e para os professores o melhor currículo de ensino a ser aplicado a seus filhos. No entanto, a mesma sociedade que se modifica tanto, todos os dias, não adapta, da mesma forma, junto à escola e, em especial, aos professores o currículo engessado que não corresponde, na maioria das vezes, à realidade de muitos alunos. Forma-se, assim, um círculo solitário e vicioso que abrange o professor que, sozinho, busca alternativas, o aluno, que se sente cada vez mais excluído do processo de aprendizado, a sociedade, que detecta todos estes problemas mas prefere tratá-los como eventos isolados que não influenciam no dia a dia da comunidade:

A educação não é um problema da vida privada dos professores, mas uma ocupação socialmente encomendada e responsabilizada publicamente. Isto obriga a que as práticas profissionais não se constituam como isoladas, e sim como partilhadas. Somente nos contextos sociais, públicos, a obrigação ética pode alcançar sua dimensão adequada. Isso se refere, em primeiro lugar, ao contexto profissional, no qual as associações de professores, seja em seus próprios centros ou em outros âmbitos de agrupamento e organização, desenvolvem sua profissionalidade na medida em que compartilham problemas, discutem princípios, contrastam alternativas e soluções, analisam os fatores que condicionam seu trabalho, organizam sua ação etc (CONTRERAS, 2012, p.88).

Neste modelo, Contreras, indica a possibilidade de que exista um constante debate para integralizar, num mesmo discurso, família e escola, de maneira que a responsabilidade não fique restrita ao educador, e sim, compartilhada. Analisando este aspecto, o bom professor tem de se adaptar aos diferentes aspectos que a sociedade apresenta. Afinal, é a partir dele que o diálogo é possibilitado e compartilhado para fora dos muros da escola. Neste exercício constante de se reinventar, o professor conquistará a capacidade de reflexão que lhe possibilitará um olhar diferente e crítico sobre suas práticas a serviço não somente do indivíduo mas da transformação da sociedade como um todo. Assim, chega a sua concepção de professor reflexivo que adotará um posicionamento intelectual crítico no ato de ensinar. Por isto, o bom professor é aquele que se dispõe a entender pela análise, pela discussão, pela auto-crítica, o andamento de seu ofício no mundo contemporâneo. Mas esta não é tarefa fácil quando os próprios professores se colocam perante à sociedade em uma postura inferiorizada que os subordina na comunidade educacional. Aqueles que fogem a este conceito são os professores acadêmicos e pesquisadores universitários que parecem ter sido libertos do cativeiro da sala de aula para atuarem nas arcádias do conhecimento superior. Assim, a definição de professor dada por Contreras nos diz:

A definição de professor como intelectual transformador permite expressar sua tarefa nos termos do compromisso com um conteúdo muito definido de elaborar tanto a crítica das condições do seu trabalho como uma linguagem de possibilidade que se abra à construção de uma sociedade mais democrática e mais justa, educando o seu alunado como cidadãos críticos ativos e comprometidos na construção de uma vida individual e pública digna de ser vivida, guiada pelos princípios da solidariedade e da esperança (GHEDIN *apud* CONTRERAS, 2002, p.138).

A profissão de professor é a atividade com a qual a sociedade mais tem contato no decorrer da vida. Desde a pré-escola somos apresentados aos nossos primeiros mestres e começamos a entender que nas mãos deste profissional é que nós cresceremos. Nenhuma outra atividade tem tanta influência na vida diária das pessoas quanto esta. Talvez, exatamente por isso, tão pontuada de conflitos, dificuldades, sonhos. Se o ditado de que “a escola é o segundo lar” for verdadeiro, considerar estes conflitos tão pertinentes quanto os conflitos familiares também é válido. Neste contexto, a figura paterna ou materna projetadas nos professores transfere uma série de responsabilidades e diferenças para o âmbito escolar. Os professores, que exercem o papel de pais na escola, o fazem com coragem e sabedoria. No entanto, esta não é uma tarefa fácil e requer do professor a disponibilidade de querer este papel. Muitas vezes isso não ocorre e é onde surgem a falta de diálogo e a frustração. Há muitas queixas por parte de professores e alunos sobre falta de compreensão justificando todos os problemas em sala de

aula, contudo, a relação amigável e acessível, que deveria ser uma extensão da casa do aluno, inexistente, e, o que é pior, em muitos casos, o aluno desconhece qualquer vínculo de afeto em sua própria família para reproduzir e aceitar este vínculo na escola.

Na via oposta, o aluno traz todas as armas que possui contra uma autoridade que se opõe ao sentido de liberdade e prazer que ele gostaria de ter. Por falta de maturidade e sabedoria, o jovem não consegue acessar o professor de maneira mais afetuosa, criando uma barreira entre ambos. Neste momento, é do professor que deve vir a possibilidade de dar o primeiro passo em direção a um diálogo de identificação com o aluno onde ambos se reconheçam como seres humanos que partilham e compartilham experiências. O bom professor de hoje não é inatingível; antes de tudo, é um desbravador. Em meio às durezas diárias, é aquele que faz o seu caminho, ultrapassa desafios e guia os passos dos seus alunos. Mas entende que não é o dono da verdade e nem uma fonte inesgotável de saberes. Diante de um professor dotado de tais características, o próprio estudante vislumbra uma mudança na sua opinião, antes arraigada a preconceitos, agora lenta e gradualmente transformada: depurada em sua forma, aperfeiçoada em seu conteúdo.

José Contreras sintetiza suas ideias através da palavra “autonomia”. Para ele somente o professor que busca o equilíbrio entre as diversas e contraditórias realidades da vida docente é que terá em si a autonomia profissional. O bom professor carece desta autonomia porque ela lhe trará a compreensão dos problemas que enfrenta em sala de aula. Portanto, o bom professor não pode ser competente no que faz se não puder tomar decisões, se não puder discutir a realidade de forma crítica, se não puder questionar o seu próprio método e mudá-lo quantas vezes for necessário. A inquietação é o que lhe motiva a estar em constante busca pelo saber. Assim, a evolução profissional é um de seus principais motivadores porque sabe o seu crescimento intelectual deve ser um de seus principais elementos de entendimento do mundo. Quanto às práticas educativas e a singularidade com que devem ser tratadas, Contreras traz o pensamento de Stenhouse:

Cada classe, cada aluno, cada situação de ensino reflete características únicas e singulares. As ações de ensino são ações significativas; portanto, dependem das intenções e das significações atribuídas por seus protagonistas. Não é possível saber o que é ou será uma situação de ensino até que não se realize. Por isso, segundo Stenhouse, é impossível dispor de um conhecimento que nos proporcione os métodos que devam ser seguidos nos ensinamentos, porque isso seria como aceitar que há ações cujo significado se estabelece à margem dos que o atribuem, ou que é possível depender de generalizações sobre métodos, quando o importante na educação é atender as circunstâncias que cada caso apresenta e não pretender a uniformização dos processos educativos, ou dos jovens (STENHOUSE *apud* CCONTRERAS, 2002, p. 115).

O professor que não busca aperfeiçoamento se acostuma aos mesmos conceitos pré-estabelecidos e perde a curiosidade de obter novas informações e de ampliar os debates em sala de aula. Aliás, alguns profissionais não possibilitam um diálogo mais sofisticado com seus alunos porque, em algumas situações, têm carência de conhecimento para elevar o debate a um nível onde possam, inclusive, rever suas posições.

3.4 RUBEM ALVES

Rubem Alves, nascido em 1933, foi um grande escritor brasileiro, tradutor, educador e teólogo, autor de livros de filosofia, teologia, psicologia e de histórias infantis. Foi criado em família protestante e posteriormente tornou-se pastor, função que exerceu até 1963. Na sequência, torna-se mestre em teologia pela Union Theological Seminary em Nova York. No ano de 1968, já de volta ao Brasil, foi perseguido pelo regime militar e acusado de subversão. Por conta desse fato, voltou aos Estados Unidos onde cursou doutorado em filosofia na Princeton Theological Seminary. Nos anos 70, ao voltar para o Brasil, foi professor de filosofia na Universidade de Campinas (Unicamp) e ocupou o cargo de Diretor de Assessoria Especial para assuntos de Ensino.

Na década seguinte, Rubem Alves torna-se psicanalista e começa a escrever em importantes jornais sobre psicologia e comportamento humano. Em seu legado, constam obras fundamentais nas mais diversas áreas, entre elas “O Que é Religião?” (filosofia e religião), “A Volta do Pássaro Encantado”, “O Patinho que não Aprendeu a Voar” (livro infantil), “Variações Sobre a Vida e a Morte” (teologia) e “Filosofia da Ciência” (filosofia e conhecimento científico). Em 2014, veio a falecer na cidade de Campinas, São Paulo.

Muito já se debateu quanto os problemas da educação brasileira e possíveis mudanças que deveriam ser adotadas pelas escolas e pelos próprios professores no sentido de “fazer funcionar” o sistema de ensino. Todavia, as soluções, na teoria muito pertinentes, tornam-se muito complexas de execução quando se deparam com o verdadeiro objeto: o ser humano. Ser professor é incrível, uma arte. Ocorre que muitos professores não estão dispostos a ser artistas. Quando Rubem Alves mostra o professor como um profissional que deve despertar curiosidades e espantos, é exatamente deste aspecto da educação que faz referência. Arte de ensinar vira sinônimo da “alegria de ensinar”. Neste sentido, os professores, segundo Rubem Alves, têm o papel grandioso de despertar curiosidade e a inquietação no aluno através de sua

própria alegria em proporcionar conhecimento. Esta constatação é forte e requer uma autoavaliação dos professores na tentativa de conhecer seus reais objetivos enquanto mediadores do saber e reconhecer suas tentativas frustradas que resultam no/do desprazer de ensinar. Rubem Alves atenta para as consequências da falta de alegria e do prazer por parte dos professores:

...então é preciso que aqueles que recebem, os seus alunos, sintam prazer igual ao que vocês sentem. Se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão, como a cozinheira que queria oferecer prazer, mas a comida saiu salgada e queimada...O mestre nasce da exuberância da felicidade. E por isso mesmo, quando perguntados sobre a sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria...” Mas, é claro, somente os seus alunos poderão atestar da verdade da sua declaração... (ALVES, 2000, p. 13).

Um bom professor tem de estar atento ao seu aluno para saber o que de fato funciona ou o que prejudica a sua relação com o aluno. Este autoconhecimento é difícil porque a maioria dos professores enxerga que falhas são fracassos e não oportunidades de mudanças. Na verdade, os professores tem uma autoestima frágil devido às cobranças constantes a que são submetidos e ao mesmo sistema de ensino pelo qual passaram e que reproduzem com seus alunos. Afinal, todo aquele que sonha em ser professor e busca os meios acadêmicos como forma de realizar este objetivo traz consigo a pretensão de aprender o ofício de ser professor pelas mãos das universidades e seus mestres. Todavia, apesar de toda a excelência e competência dos professores universitários, o que se percebe é que a prioridade de um curso de licenciatura, que forma professores, não necessariamente é conduzir os alunos nos caminhos que o levarão a ser um competente professor. As grandes Universidades têm muitas disciplinas com foco meramente conteudista e poucas horas são dedicadas à prática em sala de aula e à resolução das questões que aparecem no contato com os alunos. Há muita preocupação em formar os professores sem, contudo, ensinar como se deve ensinar. Se analisarmos a máxima que diz que o professor tem de ter vocação para ensinar, estaremos dando muito pouca importância para o fato de que só a vocação não traz habilidades. O interesse pode ser movido pela vocação, mas, sem as ferramentas que capacitam o professor, este será apenas um repetidor que não saberá o que fazer quando tiver seus próprios alunos. Se os cursos de graduação não focam na preparação do professor, o profissional depois de formado será carregado de dúvidas constantes cada vez maiores. Assim, muitas vezes, a inabilidade de um professor lidar com seus alunos reflete a falta de formação e despreparo deste frente à realidade. Desta problemática surgirão aulas tediosas, conflitos entre professores e alunos, incompreensão, desgaste profissional e pessoal. Ao invés de a Universidade quebrar o ciclo da desinformação e estudos sem objetivo prático,

ela reproduz o mesmo modelo sem, contudo, trazer de volta a curiosidade e o interesse em aprender que todos têm quando crianças.

Ao buscar definições que caracterizem o bom professor, questionei professores em atividade e já aposentados. Percebi que os professores não gostam de se expor, ou ainda, de expor o que acontece em seus domínios de sala de aula. Por diversas vezes fiz perguntas, estabeleci contatos e poucos foram os retornos. Isto é surpreendente se contarmos com o fato de que os professores deveriam prezar pela comunicação, pela troca de ideias. Observando, percebi que os profissionais da educação sentem-se muito à vontade em falar dos alunos na sala dos professores e poucos falam com os alunos nos corredores. Combinado a isto, não gostam também de falar sobre suas práticas em sala de aula. Apontam os alunos como grande problema na educação contemporânea e não se dispõem a fazer uma análise crítica da sua postura frente a este aluno, suas expectativas e falhas.

O problema reside no fato de nós, os professores, sermos muito inseguros com relação aos nossos conhecimentos e capacidades porque fomos alunos inseguros de nossos aprendizados durante a vida como alunos. Então, percorrendo a obra de Rubem Alves, um dos mais considerados educadores brasileiros, podemos perceber que o que se entende por um bom professor adquire nuances que nos tiram um pouco do “ranço” acadêmico. Em sua concepção, o bom professor deveria ser, antes de tudo, “professor de espantos”. O professor de espantos é aquele profissional que tem o entendimento de que o aluno necessita é aprender a pensar, a ser estimulado em suas curiosidades.

Eu estou pensando há muito tempo em propor o novo tipo de professor. É um professor que não ensina nada, não é professor de matemática, de história, de geografia. É um professor de espantos. O objetivo da educação não ensinar coisas porque as coisas já estão na Internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. Criar na criança essa curiosidade. (ALVES; ANTUNES, 2011, p.12).

Então, para Rubem Alves, a ideia é de que o professor não seja um depósito de respostas, porque estas já estão disponíveis nos livros e na internet, ao alcance de todos. O professor deve ter a sua curiosidade sempre viva para assim estimular a curiosidade do outro. O aluno deve ser provocado, instigado a procurar respostas e caminhos. Se o professor lhe causa espanto é porque dali vem algo que ele não conhece, que o motivará a segui-lo no aprendizado. Um dos problemas que os professores enfrentam é a cobrança de seus “infinitos” saberes por parte de seus colegas, da sociedade e de si. A ideia que se tem arraigada é a de que os professores não erram, não falham. Isto gera uma angústia silenciosa que o faz transmitir aos alunos conhecimentos que sejam muito bem apoiados em livros. Todavia, o educador não sai de sua

concha para falhar com algo que o ajudará a construir-se. Assim, todo o ato de ensinar fica muito mecânico e falso porque se está priorizando o que dizem os livros e não o que diz o aluno. Trabalhamos com seres humanos e deveríamos construir saberes juntos, alunos e professores.

Seguindo a lógica estabelecida pelas análises de Rubem Alves, os bons professores são aqueles que inquietam, que causam mudanças de paradigma. Para tanto, o professor deve levar sua profissão muito a sério e conduzir os seus saberes aos alunos com muita responsabilidade e respeito. Os professores que se sentem frustrados e desmotivados transmitem a mesma sensação tediosa aos seus alunos. Segundo Rubem Alves, os professores são mediadores do conhecimento e do aprendizado. Por outro lado, incapazes, também serão mediadores da incompreensão e impotência frente ao aprendizado. Segundo Rubem Alves,

É possível ao professor, se ele assim preferir, dar aula e ser professor sem pensar. Ele exerce sua tarefa pela repetição. E se ele não sabe pensar, não pode ensinar a pensar. Porque ele tem medo de errar e, para pensar, não se pode ter medo de errar (ALVES; ANTUNES, 2011, p.56).

O educador não pode mais ter aquela visão retrógrada de que o seu aluno é um número na chamada. A partir do momento em que o professor olha para o aluno com os olhos do interesse genuíno, com curiosidades, o aluno sentirá o convite para também entrar no universo do qual o professor faz parte. Quando não se tem a atitude que propicie o aprendizado mútuo com os alunos, não há humildade para que se constitua um bom diálogo pedagógico. A flexibilidade deve fazer parte constantemente do processo de aprendizado. A arrogância de muitos professores interrompe este trajeto e deixa visível o despreparo que se tem para ensinar. Verdade é que alguns professores de hoje não sabem administrar suas emoções e, conseqüentemente, não sabem lidar com o lado emocional do aluno. Daí a necessidade de se criar uma empatia com o outro e tratá-lo como indivíduo e não como parte de um todo de difícil compreensão. Há muitos casos nos quais profissionais da educação perdem o controle diante de seus alunos pelas mais diversas razões.

O fato de querer ser um bom professor e não conseguir desenvolver um trabalho a contento pode ser o fator desencadeante que desequilibra as emoções dos professores. Todavia, o professor que não sabe administrar as suas emoções em sala de aula, não é considerado um bom profissional. O professor que não consegue controle sobre os seus sentimentos, não consegue guiar a sua turma e nem será capaz de conduzir e resolver os problemas que possam ocorrer. Nas situações onde o aluno tira a paciência do professor as reações devem ser ponderadas e administradas. O bom professor é aquele que consegue gerar a expectativa no aluno de uma aula interessante e agradável e não um campo de batalhas onde cada lado medirá

suas forças de poder. É necessário e fundamental trabalhar a afetividade e nós, professores, ao perceber este indivíduo, criamos afeto e todas as pessoas gostam de ser reconhecidas. Na escola não pode haver a negligência quanto a explorar o espaço da emoção em suas atividades. Se o professor é o representante da instituição escola para o seu aluno, precisa conhecer o modo de funcionamento das emoções, suas e do outro, para aprender a lidar adequadamente com suas expressões e demonstrações. O ser humano é socialmente afetivo e a afetividade faz parte de todas as relações humanas. Na relação professor-aluno, o afeto tem de se fazer presente.

Unindo todas as constatações a respeito do trabalho dos professores e suas atitudes para com seus alunos, define-se a partir de Rubem Alves, que o bom professor segue certas características para chegar a ser um “professor de espantos”. O bom professor deve ser um entusiasta, deve despertar a fome de aprender, ser um eterno curioso, ser afetuoso, competente. Competente em aprender e ensinar.

4 A VIDA DOS PROFESSORES

Ao analisar o pensamento de Rubem Alves, José Contreras e Paulo Freire no que se refere à atividade docente, percebo que algumas ideias são comuns aos três educadores. Os três mencionam que é fundamental o bom relacionamento e o respeito entre professor e aluno e que para isso ocorrer os professores devem ter um olhar sobre o aluno de maneira a enxergá-lo, não somente como mais um em uma série, mas como indivíduo, único em seus saberes e experiências. Fazendo esta análise, retorno à conversa que tive com a professora Tânia, minha professora de língua portuguesa do ensino fundamental, a respeito de sua trajetória como professora na qual ela afirmava “Meus alunos foram meus maiores professores”. Ao dizer isto, a professora reproduzia a visão freiriana do relacionamento professor-aluno que evoluiu muito em seus anos de magistério. Ela explicita o que a construiu no transcorrer de sua vida como professora. E, assim como outros professores com quem falei, conclui que todo o aluno pede, silenciosamente, por disciplina, autoridade, direcionamento. Todas estas atitudes, aos olhos dos jovens, demonstram preocupação, respeito, que o educador se importe com eles. Aqueles professores que mais marcam na vida dos alunos, positivamente, são os mais rígidos e organizados em sala de aula. Neles os alunos buscam referência. Mas estas atitudes dos professores, muitas vezes são construídas ao longo da vida profissional. Em sua fala, lembrou que sempre teve a vontade de aprender, a curiosidade em saber sobre o que estava escrito nos livros. Lembrou-se de uma de suas primeiras professoras que por ser muito rígida e organizada lhe tinha despertado respeito, admiração e entende, hoje, ter sido a primeira semente para que quisesse ser professora no futuro. Suas atitudes em sala de aula também se construíram com essa base. Sempre procurou ter suas aulas muito bem planejadas porque os alunos percebem quando o professor tem domínio sobre o conteúdo que está passando e sabe o que tem no cronograma de suas aulas. Segundo a professora Tânia, muitos professores perdem o respeito por parte de suas turmas porque os alunos notam que não estão preparados, não têm suas aulas planejadas e fazem o trabalho tendo base no improvisado e, muitas vezes, se contradizem entre o que ensinam e o que fazem.

Outra conversa que vem reforçar a ideia de que o professor que respeita seu aluno terá o retorno desta atitude em resultados em suas aulas foi o depoimento da professora Juraci, minha professora de matemática do ensino fundamental. A professora disse que o aluno só considera uma aula importante quando o professor trata sua tarefa com importância. Muitos são os profissionais que entram em sala de aula desmotivados pelas mais diferentes razões e

subestimam sua profissão, não demonstram que aquilo que estão ali para ensinar é fundamental, não valorizam suas próprias áreas de atuação e, assim, seus alunos também não verão utilidade alguma no aprendizado das mesmas. O aluno se achará importante se o professor mostrar o quanto importante é. Segundo a professora Juraci, enquanto professora ou diretora de escola, sempre teve muita responsabilidade com os seus alunos, cumpria seus horários com capricho porque nisso mostrava ao aluno que também o valorizava. Assim como a professora Tânia, a professora Juraci mencionou que os alunos apreciavam os professores que eram mais rígidos em sala de aula porque esta rigidez, aos olhos dos alunos, refletia responsabilidade e respeito. Todavia, esta rigidez nunca impediu que os alunos lhe tratassem com extremo afeto, mesmo depois de formados.

A professora Micheli, graduada em pedagogia e professora na Colégio Estadual Barbosa Rodrigues, reflete que para ser um bom professor é necessário ter conhecimento na sua área de atuação. Mas não só isto: um bom professor tem de ser pai, amigo, psicólogo, orientar o aluno como um todo, ser social e solidário porque a sala de aula não é apenas ensinar e aprender, tem de se ter um bom convívio e afinidade com os estudantes. Todavia, grande parte do trabalho também se deve à estrutura que nos é oferecida para trabalhar, principalmente no ensino público. Muitas vezes os alunos estão em um ambiente sucateado, que não tem um carinho para recebê-los, não é acolhedor. Se o professor não der este acolhimento, o aluno não sentirá um vínculo afetivo com a escola. Mas a escola e a sociedade cobram que o professor esteja em perfeitas condições psicológicas para acolher a todos e perfeitamente habilitado, com um ótimo currículo para ensinar as gerações mais novas.

Hoje, os professores são muito exigidos e pouco valorizados, tanto em suas atividades quanto em suas remunerações. Todo o professor que pretende trabalhar em uma escola pública ou privada tem de comprovar suas habilitações, seus cursos, que é um dos melhores porque quanto mais títulos puder apresentar, melhor qualificado será para exercer sua profissão. Segundo o professor Giovani, graduado em matemática e física e professor na rede Municipal, a realidade é tão paradoxal quanto inacreditável: na rede municipal, os professores são “obrigados” a aprovar seus alunos, mesmo que estes não tenham os objetivos básicos atingidos. Os professores são “convidados” a não serem tão exigentes e cobrarem pouco ou quase nada em aula para que os alunos logrem aprovação a qualquer custo, nem que para isto se utilize tantos quantos forem os instrumentos de avaliação. Então, é pertinente que se questione o porquê de tantas exigências para que os professores sejam selecionados em determinados concursos. Se o saber do professor não pode ser exposto ao aluno para que este tenha chances

maiores em sua vida, então estamos sob uma censura pedagógica onde o aluno é submetido a este sistema e, fatalmente, será um mero repetidor de conceitos, um analfabeto funcional.

Talvez, a grande dificuldade dos professores, ainda mais dos bons professores, seja manter a fé em seu trabalho, a fé em sua capacidade de modificar, de fazer a diferença. A professora Francisca, professora de Literatura e Língua Portuguesa do Colégio Estadual Barbosa Rodrigues, sonha em se aposentar porque já se sente cansada. Quase todos os dias tem problemas de ansiedade ao entrar em sala de aula. Sua angústia vem do fato de não conseguir compreender o aluno que está a sua frente. Em sua análise, ela chega à conclusão de eles não querem aprender e que, talvez por cansaço, ela também já não tenha mais a vontade de ensinar. Passou mal em três ocasiões em meio às aulas devido ao estresse. Confessou que tem dificuldades em resolver seus problemas pessoais e que não tem estrutura física nem psicológica para resolver os problemas que os alunos trazem para a escola. Diz que, quando escolheu a profissão de professora, tinha as mais altas expectativas. Sonhava em ensinar, gostava muito de ler e através da leitura queria incentivar os alunos a descobrir novos mundos e possibilidades, Nos primeiros dez anos teve mais tranquilidade em suas aulas e é daquela época que sente mais saudades. Todavia, com o passar do tempo, sentiu que os alunos começaram a mudar de perfil, tinham uma complexidade maior em seus dramas pessoais e começou a sentir que não conseguia mais adentrar nestes diversos mundos que vinham junto com seus alunos. Começou a ficar cansada de tentar e não ter o retorno esperado, sentiu que ficara para trás em algum ponto de sua jornada. Perdeu a confiança em seu trabalho e a fé no seu poder de mudar qualquer coisa que fosse.

Ao conversar com estes professores, senti que alguma coisa estava errada. Na parte inicial deste trabalho, mencionei a conversa que tive com alguns alunos sobre o fato de sentirem que os professores não os enxergavam. Eu, em meu relato pessoal, fiz a referência a certo momento de minha vida onde também não fui vista por meus professores. Agora, contudo, vejo relato de professores que também se sentem invisíveis para o sistema e para os seus alunos. Ao que parece, apesar de todo o amor e dedicação à profissão, alunos e professores estão se distanciando do que é fundamental: um do outro. Nesta minha busca por entender a essência dos bons professores, me deparo com mais esta dúvida: será que os professores estão conseguindo ser bons professores em nossa sociedade contemporânea? Será que todas as dificuldades pessoais, exigências, variáveis, baixa autoestima, não estão deixando até os bons professores inseguros de sua capacidade? Já que durante todo este trabalho trouxe teóricos que são unânimes em dizer que é fundamental que se enxergue os alunos com tudo o que eles tem

a dizer, seria uma falha se não buscasse nos alunos algum esclarecimento sobre como os professores estão conseguindo ser bons em suas salas de aula. Somente a fala dos alunos pode apontar onde se dá esse desencontro entre professores e alunos e se existem, de fato, aos olhos dos estudantes, os chamados “bons” professores.

5 A VOZ DOS ALUNOS

Os professores, em seu processo constante de aprendizado, focam em conhecer o conteúdo a ser ensinado em suas respectivas áreas de conhecimento e, na mesma proporção, deveriam buscar o conhecimento sobre o sujeito a ser ensinado. No entanto, enfoque conteudista do nosso ensino ignora todas as teorias da educação que destacam a importância do conhecimento sobre o sujeito que aprende. Muito é falado sobre a dificuldade na comunicação com os jovens estudantes, mas são poucos os professores que se preocupam em questionar o aluno sobre suas expectativas, frustrações, questionamentos e sua própria história. Ao que parece, muitos professores têm medo de se deparar com algo que não sabem lidar e por isso não buscam saber o que vai no pensamento do aluno. Explorando essa reflexão, entendo que o ponto de vista do aluno é tão importante quanto a opinião dos professores ou dos teóricos e, por coerência, mantenho este ponto de vista no presente trabalho. Na realidade, toda a análise de nada vale se o aluno não puder expressar suas ideias sobre o que entende que seja um bom professor. Para tanto, selecionei um pequeno número de alunos de diferentes perfis e níveis escolares para marcarem presença neste trabalho. Questionei sobre suas ideias a respeito de como reconhecem um bom professor a partir de suas vivências escolares com diversos perfis de professores. Estes alunos adquiriram, no decorrer da vida escolar, opiniões e uma certa maturidade para reconhecer os profissionais que os motivam, incentivam e possibilitam um bom aprendizado. Além disso, sabem identificar aqueles professores que conseguem estabelecer condições para que as aulas transcorram de maneira proveitosa para todos. Por conviverem com professores desde tenra idade, os alunos aprenderam a identificar aqueles profissionais que não gostam do que fazem e exercem muito mal suas funções. Por causa disso conseguem traçar um paralelo e fazer uma comparação com outros professores que se destacam porque conseguem modificar a rotina e ir além do pré-estabelecido pelos manuais. Assim, criam um vínculo com o aluno ensinando não apenas pela enunciação mas também, e sobretudo, pela visibilidade, pelo exemplo. Nesse caso, o próprio professor se exige tanto como sujeito do ensino quanto objeto de aprendizagem.

Hoje em dia, uma questão pacífica diz respeito à necessidade de a escola trabalhar com os conteúdos transversais. Afinal, muitas vezes, o jovem não tem determinadas orientações morais, muitos carecem de noções básicas de civilidade em família, e é na escola que se pode oportunizar isto. Neste sentido, cabe ao professor, independente de sua área de conhecimento, orientar os alunos sobre as relações com os outros indivíduos da sociedade, sobre as noções de

responsabilidade, criticidade, respeito, obrigações e deveres. Essas noções sobre a vida trarão ao aluno as ferramentas necessárias para que ele possa perceber a importância do conhecimento, do ato de aprender, de se libertar através do conhecimento e querer mais para poder mais:

É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele. Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das idéias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária. (FREIRE, 1996, p. 45).

Assim, considero que ouvir as opiniões dos alunos sobre seus professores e as expectativas sobre o trabalho em sala de aula talvez seja um dos primeiros passos na formação de um bom professor. Também, durante esse processo, entendi que os alunos têm muitas colocações em comum com as opiniões dos professores entrevistados quando se trata de disciplina. Para os estudantes, também um bom professor é aquele que cria condições adequadas para o bom funcionamento das aulas e tem uma postura onde os alunos possam se espelhar e levar como exemplo no decorrer de suas vivências estudantis. Abaixo, reproduzo e analiso alguns depoimentos dos alunos do Ensino Médio do Colégio Barbosa Rodrigues situado na cidade de Gravataí.

Acho que um bom professor é aquele que sempre busca estar aprendendo mais sobre a sua área de conhecimento, sobre como lidar com os alunos, como melhorar seu comportamento em uma sala de aula para assim saber falar com um aluno, solucionando seus problemas. Uma característica que eu admiro em alguns professores é a ordem que ele impõe para os alunos, sabendo a hora de brincar e a hora de estudar. Um bom professor, na minha opinião, é aquele que além de ensinar, se torna amigo dos alunos e se preocupa com eles, passa os conteúdos que tem que passar, mas não deixa de brincar e descontrair com a turma, trata os alunos de forma amorosa, não perdendo o foco nas aulas... Aquele que sabe que não é só escrevendo que aluno aprende e explica o conteúdo de forma clara e quantas vezes forem necessárias... E o mais importante, faça isso tudo com amor (1º ano do ensino médio).

Os alunos reconhecem e valorizam o professor que os trata de maneira atenciosa. Quando o aluno menciona o fato de achar importante que o professor ensine mas também seja amigo, está a resposta para uma das minhas questões: onde o diálogo se perde na relação professor e aluno? A harmonia para que se tenha condições de ensino e aprendizagem decorre do ato de boa convivência com o estudante que está sob nossos cuidados. E aqui a palavra cuidado ganha uma dimensão muito grande. O aluno quer sentir-se cuidado e reconhecerá isso

nas atitudes amistosas e firmes do professor. Rubem Alves nos fala neste afeto, no carinho e na alegria de se trabalhar junto ao nosso aluno. Quando o professor não demonstra este afeto, o ato de ensinar se torna apenas mecânico. E o próprio aluno identifica o professor que somente escreve como sendo insuficiente:

Quando entrei no Barbosa na quinta série notei grande diferença no ensino, vim do Dom Feliciano (escola particular) e a grande diferença não foi negativa. A maioria dos professores eram incríveis e a qualidade no ensino era no mesmo nível do Dom. Porém alguns professores me marcaram na minha vida inteira. Fátima de inglês que logo depois se tornou vice diretora e etc...A Fátima colocava qualquer aula de inglês que eu já tinha visto no chinelo. Ela era divertida e engraçada, mas ela não deixava de ser autoritária, mandava pra fora da sala se necessário e nunca perdeu autoridade. Outra professora foi a Nádia. A Nádia já tinha me dado aula desde a primeira série até a quarta no Dom Feliciano só que era aula de música. Quando eu a encontrei no Barbosa e depois vi ela dando aula foi como se tivéssemos em contato esse tempo todo. Ela é carinhosa, descontraída e também firme. Ela consegue ter um plano de aula perfeito, ela dá a quantidade de revisões e atividades necessárias e perfeitas para a prova, e gente... EU GABARITEI UMA PROVA DE MATEMÁTICA DELA. Tipo, como assim? É claro que eu tive outros professores maravilhosos e que eu amo de paixão...Mas esses me marcaram de certa forma. Acho que o que esses professores têm em comum é aquela paixão de dar aula junto com a alegria e humor. Sei que é difícil mulher ser divertida e autoritária ao mesmo tempo porque os alunos se aproveitam disso. Muitas professoras minhas já falharam nessa tentativa de ser engraçadas e acabaram perdendo o controle da turma. Então, acho que ser firme e autoritária mas ao mesmo tempo divertida e descontraída são as características de uma boa professora (3º ano do ensino médio).

Interessante notar no depoimento anterior que para este aluno a diferença de ensino não ocorreu devido à mudança de uma escola privada para uma escola pública, mas o que marcou a qualidade do ensino foram as professoras das quais se lembrava. Novamente, um aluno menciona a alegria, a descontração. A escola em si deveria ser associada ao lúdico porque desde pequenos somos levados ao aprendizado a partir das nossas brincadeiras infantis e posteriormente por situações que nos são agradáveis e divertidas. No entanto, há uma resistência em se fazer da sala de aula um local divertido tanto para alunos quanto para os professores. Parece que ao tornar uma aula agradável e prazerosa se está retirando a seriedade do ensino. Mas os próprios alunos entendem que a autoridade não diminui a capacidade dos bons professores de serem amáveis e descontraídos. Quando o aluno entende isso como um fator positivo e não opressivo, verá sentido no processo de aprendizagem juntamente com o professor. Assim, encontrará o entendimento da realidade, tomará consciência de si, do outro e do mundo como teorizava Paulo Freire:

Acho que a principal coisa foi instigar a curiosidade em mim, mas é tudo relativo porque existem formas de aprender diferentes, acho que cada aluno vai ter uma ideia de professor ideal, mas a minha é, basicamente, essa de me deixar curiosa com alguma coisa, dar um pouco de conhecimento e instigar a minha vontade de descobrir o resto das coisas (2º ano, ensino médio).

Rubem Alves falava sobre o professor de espantos ser aquele que faz com que o aluno estimule suas curiosidades através da fome de aprender. Ninguém pode querer alimento se está empanturrado, saciado. Para Alves, então, o bom professor é aquele capaz de provocar o estranhamento em seus alunos. Aquele que desperte o espanto, a surpresa e, a partir dela, a fome por conhecer. Se o professor não provoca essas curiosidades, se não é provocativo, se dá todas as respostas, o aluno não sentirá a fome de aprender porque já estará cheio de informações que lhe chegaram sem estímulo, sem vontade:

Para mim, um bom professor é aquele que não deixa o dia ruim interferir no seu jeito de ensinar ou de entrar em sala de aula. Um bom professor é aquele que não dá simplesmente uma aula mas busca ensinar de verdade quem está ouvindo a sua explicação. Entende se o aluno não entender o conteúdo e não o deixa de lado por isso e não desiste dele, mesmo quando o aluno está em um dia difícil, porque jovens são extremos demais. E busca saber e ajudar até mesmo fora da matéria de aula. É alguém que acredita em nós. (1º ano do ensino médio).

É possível, sim, que sejamos bons professores perante a sociedade e a nós mesmos. Ao tentar fazer mudanças o professor também se modifica e estas atitudes se refletem na comunidade e nas famílias. José Contreras bem menciona que o professor é o mediador entre a escola e a comunidade e, a partir deste diálogo, o valor pedagógico do ensino adquire uma dimensão social extremamente positiva. Os jovens, ainda que não saibam, carregarão em si as marcas deixadas pela escola, para o bem e para o mal. Portanto, o bom professor não pode ser negligente com as situações vividas por seus alunos. Ainda que não se sinta sensibilizado, pode, ao menos, mostrar o interesse em ouvir, em aconselhar. Em alguns casos, é na escola que o aluno sente a segurança em desabafar os seus problemas e as suas dúvidas e, não raro, recorre a um professor que lhe dedique um pouco de atenção e de orientação. O afeto na relação professor-aluno é essencial. Mas não se deve confundir afeto com falta de autoridade. Muitas vezes, é justamente através de um relacionamento amigável que o bom professor consegue atrair a atenção desejada em suas aulas. Com isto recebe o respeito e sua autoridade se torna algo reconhecido, bem vindo e até desejável pelos alunos:

Eu acredito que um bom professor é aquele que traz diversos métodos de ensino, que tenta diversificar a aula. Um professor que cobra os alunos, fica em cima, tem realmente vontade que o aluno aprenda e se importe com o aluno. E, ainda, que conforme passe o tempo, que o aluno possa conversar com ele com cada vez mais confiança (2º ano, ensino médio).

Para os alunos, o bom professor é aquele que tem motivação necessária para expressar alegria e força contagiantes. Nesse sentido, é primordial que o professor entenda que, antes de tudo, lida com seres humanos que buscam identificação, referência. Para tanto, os próprios

alunos dão a entender que carecem dessa aproximação, de um vínculo que, em alguns casos, os professores não proporcionam. Então, para os alunos, os bons professores são aqueles que possuem as mesmas características as quais os teóricos também reconhecem. Se a voz dos alunos traz essas considerações como ideais, os bons professores são aqueles que enxergam o seu aluno a partir do que dizem, do que não dizem, do que fazem e do que não conseguem fazer.

6 AFINAL, COMO É POSSÍVEL SER UM BOM PROFESSOR?

Todo o caminho que percorri na pesquisa deste trabalho de conclusão teve por objetivo refletir sobre a atividade dos professores e, mais especificamente, entender quem são e como agem os bons professores em sala de aula. Para tanto, retornei às minhas lembranças mais antigas dos tempos de escola onde eu, ainda aluna, identificava os meus bons professores. Estes educadores foram tão marcantes em minha vida que influenciaram, cada um a seu tempo e de maneiras distintas, no que me tornei hoje: uma professora. Foi um desafio considerável se analisar que durante a minha vida escolar, muitas vezes repeti que não queria ser professora e que não gostava muito da escola. Todavia, quando me dispus a reavivar a minha história, percebi que os momentos de revolta que tive com relação ao ensino foram, em grande parte, devido ao ambiente que me foi oferecido em algumas escolas e por causa da falta de uma ligação positiva com os professores nessas instituições.

Trazendo lembranças à tona, minha pesquisa ocorreu para, primeiramente, me entender enquanto estudante. Assim pude analisar minhas expectativas, realizações e frustrações junto às escolas por onde passei. Posteriormente, e ainda agora, busco o entendimento sobre como venci os obstáculos que me afastavam dos muros da escola e de que forma, hoje, posso contribuir, como professora, na valorização e no crescimento da educação como o caminho para que muitos estudantes vençam seus próprios obstáculos. Entendo que o meu processo de formação iniciou-se muito antes da Universidade. Ainda na escola, aprendi que quando se é invisível para o professor, se é invisível também para a comunidade escolar como um todo. No decorrer da vida de um aluno, essa será uma das marcas que carregará também na sociedade. Na mesma proporção, o professor que volta seus olhos com respeito, cuidado, carinho e atenção para os seus alunos, elevará a autoestima de um jovem que, muitas vezes, só terá esse estímulo pelas mãos da escola.

Conforme fui observando meus próprios alunos em sala de aula, senti a necessidade de entender como deveria ocorrer a comunicação entre professor e aluno e o que um bom educador pode fazer para influenciar positivamente no processo de aprendizado de seus alunos. Assim, recorri a três autores no intuito de coletar dados que me possibilitassem formar um perfil de um bom professor. A partir de algumas considerações feitas por Paulo Freire, José Contreras e Rubem Alves, cheguei aos seguintes perfis de um bom professor:

1) O professor que contribui na construção do sujeito através da transversalidade: segundo Freire, o professor é aquele que auxilia o educando a tomar a consciência de si enquanto indivíduo social e, a partir daí, consegue tomar consciência do todo que o rodeia. Assim sendo, o professor que consegue trabalhar com a percepção de que o seu aluno também tem um mundo a ser considerado, possibilitará ao aluno entender o funcionamento da sociedade e se reconhecer enquanto sujeito pertencente a ela. Por isso, o professor não deve se deter aos manuais ou aos conteúdos. Os alunos, muitas vezes vão para a escola com muitas outras necessidades de conhecimentos que são transversais. Neste sentido o professor terá a oportunidade de trabalhar com assuntos do dia a dia, tanto dele, educador, quanto da vida do aluno. Descobrirá que, algumas, vezes, aprenderá ouvindo sobre suas vivências e a partir delas poderá trabalhar, sim, os assuntos de sua disciplina, mas também compartilhará a sua experiência com os estudantes que ainda não passaram por determinadas vivências no mundo.

2) O professor que tem autonomia de ensino: os educadores têm de ser livres. Esta liberdade, descrita por José Contreras como autonomia, mostra que o professor não deveria estar preso às amarras somente daquelas coisas que lhe foram ensinadas em suas vidas acadêmicas. Se o sistema falha em preparar o professor, este terá de ter a autonomia de buscar o conhecimento, de entender o que se passa na sociedade para a qual ensina. A autonomia vem para auxiliar o professor a ser dinâmico e não se conformar com a realidade que nem sempre lhe é favorável em determinadas comunidades. Mas o professor só conseguirá se fazer ouvir se também se dispuser a escutar. Porém, muitos professores só sabem pedir silêncio porque a maneira de dominar um grupo pela negação do que o outro tem a dizer. Assim, se o professor se inserir na sociedade para, a partir do que ela tem a dizer, saber também o que é relevante dizer àquele determinado grupo.

3) O professor motivador: para ensinar há que se ter entusiasmo. Ninguém quer aprender se não for instigado a isto. O professor entusiasta transmitirá a motivação pelo ato de aprender. Este é o professor que despertará no aluno o desejo, a vontade. Conforme Rubem Alves, o professor tem de despertar a fome de aprender no aluno. Se o professor aprecia o que faz, mostrará um entusiasmo natural ao falar. O aluno, por sua vez, ainda que tenha suas resistências naturais da juventude, se sentirá convidado a participar de tal processo, uma espécie de encantamento. O professor que faz perguntas e dá poucas respostas instiga a criatividade do aluno. O problema é que alguns professores confundem perguntar com exercícios torturantes de questões sem objetivo algum. Assim, o aluno não encontra o entusiasmo em aprender, não

tem a curiosidade que o fará construir de fato um conhecimento que possibilitará tantas outras perguntas

Ainda, depois de analisar estas características sob a ótica dos autores, fiz um diálogo entre o que pensam os professores a respeito de sua atividade e os alunos que acompanham estas atividades todos os dias. Afinal, a teoria pode dizer o que a prática talvez não confirme. Todavia, ao conversar com professores e alunos, foi com se cada um deles assinasse em baixo do que cada autor teorizou a respeito de educação e bom ensino. Em cada fala de professor que analisou seu método de trabalho percebem-se traços e marcas das características de bons professores resumidas a partir dos autores. Assim como nos professores que mais guardei na memória estão presentes o entusiasmo, a autonomia, a experiência, a paixão em ensinar e a vontade de fazer a diferença a partir da realidade do aluno.

Em certo momento da pesquisa, senti a necessidade de dar voz aos alunos. Não faria sentido travar uma conversa sobre educação onde os protagonistas são professores e alunos e não ouvir o que os estudantes têm a dizer sobre o assunto. Confesso que ao tomar esta decisão achei que os alunos teriam opiniões tão diferentes dos professores e dos teóricos que explicaria, em parte, a falta de entendimento entre professores e alunos nas escolas. Contudo, os relatos que ouvi complementaram os depoimentos dos professores e teóricos. Assim como os professores querem ser respeitados e valorizam o conhecimento que partilham com seus alunos, também os educandos têm a necessidade de se sentirem respeitados e vistos. Tanto quanto os professores que valorizam a autoridade, os alunos entendem que é necessário que seja estabelecida a ordem para que se crie um ambiente adequado de aprendizado. Em nenhum momento os alunos contradisseram os professores ou os teóricos. E, ainda assim, a realidade nas escolas não segue esta harmonia. Concluo que, talvez, falte aos professores o conhecimento e a consciência de si e do outro que Freire teorizava. Talvez falte a coragem de mudar paradigmas que levam à autonomia de Contreras. Em essência, talvez falte a fome de ensinar e a capacidade de espanto com o próprio ato de ensinar como bem dizia Rubem Alves. Enfim, um caminho para ser um bom professor talvez seja o educador se colocar no lugar do aluno ao invés de se posicionar em um lugar tão distante dele que ambos não consigam aprender um com o outro e nem se encontrarem na sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas, SP: Papirus; Speculum, 2000.

ALVES, Rubem; ANTUNES, Celso. **O aluno, o professor, a escola**: Uma conversa sobre educação. 2. ed. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2011.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário não respondido pelos professores

Questionário para fins de pesquisa para trabalho de conclusão de curso:

1 - Quanto tempo tem de docência e em quantas escolas já trabalhou?

2 - Tem experiência profissional em escola pública, privada ou ambas?

3 - Quais as dificuldades que encontra em sua prática em sala de aula?

4 - Leciona qual (quais) disciplina(s)?

5 - Faz planejamento diário de suas aulas ou suas aulas ocorrem conforme a situação da turma naquele dia específico?

6 - O que considera fundamental que um bom professor tenha para conseguir criar um diálogo com seu aluno?

7 - Como considera o seu relacionamento com seus alunos?

8 - Por que decidiu ser professor?

9 - Lembra de algum professor de sua época de estudante? Se afirmativo, por que este profissional foi significativo?

ANEXO 2 – Questionário respondido pelos professores

1- Por que decidiu ser professor?

2 - Algum professor influenciou esta decisão?

3 – Em sua opinião, como é e como deve agir um bom professor em sala de aula?

4 - Quais as principais dificuldades que enfrenta em sala de aula?

5 – Tem liberdade de trabalho na escola onde trabalha?

ANEXO 3 - Questionário respondido pelos alunos

1 - Como você considera que seja um bom professor em sala de aula?

2 - Dos seus professores que características têm aqueles que possuem um melhor relacionamento com os alunos?

3 – Como caracterizaria um mau professor?

4 – Em sua opinião, o que poderia melhorar na relação professores e alunos em sua escola?

5 – De todos os professores que já lhe deram aula, qual aquele que mais lhe marcou e por quê?